

Andrea Pachã;: â??Aprendi mais lendo Nelson Rodrigues do que livros tÃ©nicosâ?•

**Depoimento concedido a Marcelo Pinto*

Spacca



Não foram poucas as vezes em que, atuando como juíza, me socorri em busca da compreensão da nossa precária e contraditória condição humana, que aparece, na sua forma mais simples, na literatura e na ficção.

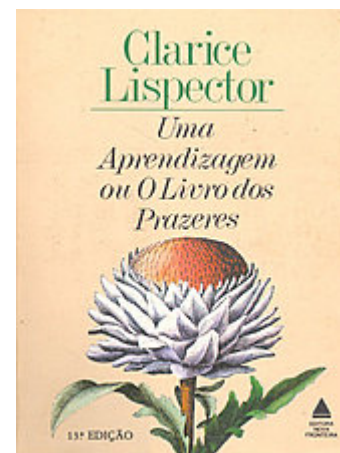
Na verdade, não consigo imaginar quem eu seria ou o que pensaria se não fosse a literatura na minha vida. Há algumas maneiras de crescer e enxergar o mundo: pode-se viver as experiências, as dores, as alegrias; pode-se ter a sorte das paixões definitivas ou o desamparo das perdas eternas. No entanto, uma vida só é muito pouco para que qualquer pessoa experimente todas as experiências que dizem respeito à sua condição humana.

A leitura tem também o papel de trazer a vida para a nossa alma. As emoções, as dúvidas, as angústias, os valores e os vícios de todos os homens ingressam nas nossas vidas por esse meio inusitado de letrinhas transformadas em romances.

Somos tantos

Viajamos, choramos, rimos, nos inquietamos, assistimos, enfim, ao desfile das contradições humanas a partir de um olhar generosamente compartilhado pelo autor com seus múltiplos leitores. Assim, o que era uma história passa a ser muitas histórias, vistas de muitos lugares, numa experiência digna de **Luigi Pirandello**: “Somos tantos quantos os que nos veem”.

Sempre senti muito medo de precisar, em algum momento da vida, escolher os dez livros mais importantes que já li. Não sou uma leitora disciplinada. Nunca tive uma orientação acadêmica para a experiência da literatura. Sem falar no medo do esquecimento de uma obra que, depois, lembrarei como essencial.



Sempre curiosa, lia, desde muito cedo, tudo o que chegava às minhas mãos. *O Tempo e o Vento*, de **Érico Veríssimo**, em uma edição encadernada em couro, na biblioteca do meu pai, foi um ritual de iniciação.

De **Clarice Lispector**, com *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, extraí as primeiras inquietações adolescentes e as frases são, até hoje, lembradas de cor, juntamente com as poesias de **Fernando Pessoa**.



Crime e Castigo e *Recordação da Casa dos Mortos*, de **Fiódor Dostoiévski**, abriram a minha percepção para a inquietante degradação do sistema penal e prisional e, vivenciando a abertura política do país — nasci em 1964 —, fui apresentada a livros que me definiram ideologicamente.

Outro Brasil

Batismo de Sangue, de **Frei Betto** e *Um Homem*, de **Oriana Falacci**, suprimam o silêncio ensurdecido do período da ditadura dos bancos escolares. *Grande Sertão: Veredas*, de **Guimarães Rosa**; *O Homem Cordial*, de **Sérgio Buarque de Holanda**; *Casa Grande e Senzala*, de **Gilberto Freyre** e *Essa Terra*, de **Antonio Torres** consolidaram em mim a sensação de pertencimento a um Brasil que não aparecia nas versões oficiais de então. Enxerguei-me brasileira a partir desses autores.



Com as inquietações crescentes e os questionamentos próprios da nossa precária condição humana, participei, em meados dos anos 80 de um grupo de dramaturgia, orientado pelo escritor e diretor teatral Alcione Araújo. Em reuniões semanais, nos dedicávamos a discutir com profundidade os clássicos do teatro, da literatura e da filosofia. Uma sequência de livros foi fundamental para a compreensão da nossa civilização, nossos dramas e tragédias: *Édipo Rei*, de **Sófocles**; *Hamlet*, de **William Shakespeare**, e *Galileu Galilei*, de **Bertold Brecht**. Quem somos nós? Ser ou não ser? Como ser?

Aquelas questões são as mesmas com as quais nos confrontamos diariamente. A leitura periódica desses autores é quase uma consulta ao oráculo, em tempos de dúvidas, contradições e mudanças permanentes.

O prazer do encontro com **Gabriel García Marquez** em *Cem Anos de Solidão* e *Do amor e outros demônios*; a história latino-americana bem narrada por **Mario Vargas Llosa** em *Tia Julia e o Escrivinhador*, a lucidez de **Jorge Luis Borges** em *O Aleph* e a experiência transcendental de chegar ao fim de *O Jogo da Amarelinha*, de **Julio Cortázar**. Todos inesquecíveis, cada qual definitivo.



Direito de Família na literatura

Outros textos de teatro transformaram-se em leituras obrigatórias para o ajuste da lucidez. Vez ou outra retorno a *Um inimigo do povo*, escrito em 1882 por **Henrik Ibsen**. É um texto que nunca saiu da cabeceira desde a primeira leitura. Já li mais de dez vezes a história do Dr. Stockman, que ao denunciar a poluição das águas da sua cidade-balneário — causada pelos curtumes —, torna-se *persona non grata* para a população, principalmente por defender a ideia de que os valores daquele lugar estão sustentados sobre a mentira e de que a maioria não está com a razão. Não costumo perder as montagens, ainda que raras. Verdade, ética, maioria e solidão são algumas das questões propostas pelo dramaturgo norueguês. Difícil a compreensão de que o monopólio da verdade pode não estar com a maioria. Especialmente quando ela é forjada pela verticalidade das informações e opiniões. A dura conclusão de que o homem mais poderoso do mundo é o que está mais só é de uma força libertadora e de uma angústia definitiva. Paradoxalmente, é um texto que me alimenta de esperança nos momentos em que sou acometida de solidão.

Ligações perigosas, de **Choderlos de Laclos**, e todas as crônicas sensacionais de **Nelson Rodrigues** deveriam estar na cabeceira de qualquer profissional que trabalhasse com Direito de Família. Aprendi mais da vida humana lendo esses autores do que aprenderia em livros técnicos sobre o assunto.

Finalmente, os romances de **Philip Roth**, especialmente *Fantasma sai de cena*, e os de **José Saramago**, com destaque para *Ensaio sobre a Lucidez*, que traduzem, de maneira clara, objetiva e esteticamente deliciosa, as questões da contemporaneidade.

Dizem que a vida depende do ar e da respiração. Para mim, a vida depende também da leitura e do uso que se faz dela.

